

Huxley, Orwell e a realização das distopias no Brasil contemporâneo

José Rubens Mascarenhas de Almeida*
Daniel Santos Mota**

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar (Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano em “Las palabras andantes?”, publicado por Siglo XXI, 1994).

Resumo:

Escrito a partir da leitura e da análise comparativa numa perspectiva dialética das distópicas obras de Aldous Huxley (*Admirável Mundo Novo*) e de George Orwell (1984), este artigo retoma os conceitos de utopia e distopia, pensando o cenário do Brasil atual, marcado pela inversão da realidade (mentiras convertidas em fatos; ciência em pura opinião; e a ignorância em conhecimento). O ponto de partida do texto é a perspectiva de realização distópica e trágica, na atual realidade brasileira, de vários aspectos contidos nestas obras que, cada uma a seu modo, imaginaram um futuro trágico para a humanidade.

Palavras-chave: utopia; distopia; Orwell; Huxley.

Huxley, Orwell and the Realization of Dystopias in Contemporary Brazil

Abstract:

Based on the comparative analysis, from a dialectical perspective of the dystopian works of Aldous Huxley (*Brave New World*) and George Orwell (1984) this article reexamines the concepts of utopia and dystopia in light of the current situation of Brazil, marked by the inversion of reality (lies turned into facts, science into pure opinion, and ignorance into knowledge). The point of departure of the text is the dystopian and tragic realization, in the current Brazilian context, of various aspects of these two works which, each in its own way, imagines a tragic future for humanity.

Keywords: utopia; dystopia; Orwell; Huxley.

*Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Pós-doutor pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Coordenador do Grupo de Estudos de Ideologia e Luta de Classes/UESB/CNPq. Atualmente é professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista-BA, Brasil. End. eletrônico: rubens.mascarenhas@uesb.edu.br

** Mestre pelo Programa de pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista-BA, Brasil. Pesquisador do Grupo de Estudos de Ideologia e Luta de Classes (GEILC). End. eletrônico: danielsff@gmail.com

Indubitavelmente vivemos agora numa conjuntura distópica. Basta consultar as diversas fontes de informação confiáveis para nos depararmos com manifestações sociais que, por seu caráter retrógrado, parecem-nos anacrônicas: retorno de crenças e ideias pseudocientíficas; arraigado e irracional anticientificismo e anti-intelectualismo; falta de perspectiva social resultando numa letargia ante a própria distopia...

Pensamos que as recentes e constantes revisitas a *Admirável Mundo Novo* e a 1984 têm um motivo lógico: essas obras dizem muito sobre o atual contexto histórico. Talvez por este ambiente não só distópico, mas também antiutópico, atualmente alguns trabalhos têm sido dedicados aos estudos e às comparações das obras dos autores britânicos Aldous Huxley (1894-1963) e George Orwell (1903-1950), *Admirável Mundo Novo* (publicada em 1932) e 1984 (publicada em 1949) respectivamente.

Neste contexto, nossa hipótese é a de que essas obras, de reconhecida referência da ficção distópica do século XX, geralmente têm sido abordadas na expectativa de, genericamente (e não poderia ser de outra forma), apontar a emergência de elementos distópicos atualmente presentes. É nesse sentido que aqui as evocamos.

Ainda que divirjam em certos aspectos, entendemos que as obras em questão foram capazes de captar as potencialidades mais destrutivas apresentadas na e pela sociedade burguesa, percebidas desde a época de sua escrita. Cada uma, à sua maneira, antecipou-nos o futuro que nos chega de forma trágica. Revisitá-las em suas narrativas literárias e relacionando-as ao construto factual de nossa época, mais de seis décadas depois de suas concepções, justifica-se pela emergência de elementos objetivos: as perspectivas de Huxley e de Orwell, em parte, se realizam na decadente sociedade capitalista no século XXI. Nas limitações deste texto, nos restringiremos ao caso do Brasil contemporâneo, conscientes de que esta análise poderia se estender à escala global, pelo contexto de avanço daquilo que entendemos por utopia, distopia, antiutopia e barbárie, presentes no atual cenário de extrema alienação.

Entendemos que utopia, apesar de se constituir num sentido diametralmente oposto ao da realidade, possui relação direta com esta por tê-la como referência. Constrói-se uma realidade imaginária em perspectiva, na qual elementos indesejáveis são substituídos por outros ficcionais e paradigmáticos. Nesse sentido, é coerente afirmar que a utopia é marcada por um pessimismo (em relação ao presente do qual se referencia) e um ceticismo que faz mover o utopista à construção de um modelo de sociedade julgado qualitativamente superior em relação àquele do qual se emana a sua criação. Assim, a utopia não seria uma imaginação fantasiosa, por ter como referência a própria realidade da qual parte

e que pretende substituir, buscando alcançar a construção de um mundo julgado melhor que o presente. Utopia e distopia transitam entre a realidade presente vivida e a construção da realidade futura produzida. Apesar de ser mais concebida como uma construção do futuro, sendo pouco reconhecida também como uma construção imaginária do passado (quase sempre romântica), a utopia é uma idealização, tanto do futuro quanto do passado, posto que o presente é o parâmetro fundante de construção de tal sociedade imaginária. Nas duas obras, a perspectiva é de um futuro idealizado, substituto do passado-referência de tal construção.

Entendemos a distopia em uma perspectiva antiutópica, descrente de qualquer possibilidade de futuro utopicamente falando, ou seja, sem probabilidade de construção de mundo, vislumbre do futuro como algo ameaçador, hostil, agressivo, desastroso. Nesse sentido, a distopia – assim como a utopia –, apesar de retirar suas referências do presente, ocorre de modo inverso àquela. Na distopia, a perspectiva é de que, fundada na realidade vivida do presente, a construção de um futuro a partir dos elementos e relações vividos nesse presente só reforçam sua negatividade, inviabilizando as possibilidades de construção de um mundo melhor futuramente. Assim, compreendemos que a distopia (ou antiutopia), contrariamente à utopia, seria também um “lugar” (talvez um “não-lugar” de utopia) ou estado permeado de privações, de extrema opressão, desesperador, indesejado. É nessa perspectiva distópica que enquadramos tanto *Admirável Mundo Novo*, quanto 1984, servindo mais como premonição dos caminhos traçados no presente do que como desejo de realização, como utopia.

Huxley e Orwell e o contexto de criação de Admirável Mundo Novo e 1984

Ao evocarmos essa relação antitética (utopia-distopia) realizando mais uma visita a essas duas memoráveis obras escritas antes da metade do século XX, como reveladoras de elementos distópicos típicos da sociedade por nós vivida na contemporaneidade, marcadas por uma percepção distópica, ratificadora dos presságios evidenciados por esses dois autores, propomos uma análise que parta do contexto em que tais obras foram criadas, por ser lá que bebem seus autores.

No século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX havia uma grande expectativa de um futuro de paz e abundância conformado nas obras de iluministas, liberais e socialistas, dentre os quais a sociedade comunista descrita por Marx (2012, p. 33), cujo lema seria “De cada um de acordo com suas capacidades, a cada um de acordo com suas necessidades!”, ou por Rosa Luxemburgo, que anunciava que os homens poderiam ser socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres. Por outro lado, os horrores expostos pela Primeira

Guerra Mundial, seguidos pelas tragédias da Grande Crise 1929, da explicitação do imperialismo estadunidense¹, da ascensão do totalitarismo de característica nazifascista² na Europa (no Brasil, a Ação Integralista Brasileira espriava ideias eugênicas e racistas do mesmo porte) e da vitória da burocracia na URSS, a esperança pareceu diminuir diante das aterradoras possibilidades apresentadas diante do seu futuro.

As obras e seu contexto

No contexto histórico da década de 1930 (da escrita de *Admirável Mundo Novo*), a Europa estava tomada por uma espécie de letargia, fruto de fenômenos insólitos de não fácil compreensão, tragicamente marcados pela ideia de eugenia (do nazifascismo, no Brasil defendida pelo integralismo), por ditaduras, militarismo (ideologia do patriotismo e do nacionalismo), caça aos comunistas; cenário da sintetização do LSD e de seus efeitos alucinógenos, quando pesquisadores se deram conta de que a ergotamina (substância ativa do ácido lisérgico) contraía os vasos sanguíneos; o ópio se alastrara nos EUA, sendo criminalizado seu consumo naquele país, assim como a cocaína. Nesse ambiente, as drogas se alastravam assustadoramente, o que talvez explique o papel da *Soma*: a “droga perfeita” desenvolvida pela indústria farmacêutica do país distópico de *Admirável Mundo Novo*, capaz de produzir uma felicidade cujo ápice estava na fuga da realidade.

A sociedade distópica de Huxley, onde a tecnologia tinha papel destacado, foi concebida no início do segundo quartel do século XX, que já conhecia o cinema e o raio-X; Henry Ford já havia iniciado a fabricação de carro por série nos Estados Unidos; o rádio já havia surgido, assim como o avião, o trólebus e o ar-condicionado. O capital financeiro já controlava boa parte da produção capitalista e já havia sido criado o cartão de crédito.

Registramos todos esses inventos tecnológicos porque muitos estão presentes no panorama descrito por Huxley, que trabalha o progresso tecnocientífico como promotor da barbárie da sociedade distópica que descreve, nela constando uma racionalidade administrativa do ser humano (desde sua produção/reprodução biológica, psicológica e ideológica). A sociedade futurista huxleyana caracteriza-se por uma dominação mediada pela tecnologia, por um controle administrativo e por um planejamento que se pretendiam totais, mantendo as pessoas anestesiadas pelo uso disseminado de Soma, a droga responsável pela

¹ Já marcado por elementos muito bem-postos, dentre os quais os prenúncios (já um tanto desenvolvidos) de sua cultura de massa (destaque para o cinema) e o *american way of life*.

² A década de 1930 pode ser vista como o período de ouro do nazifascismo, fenômeno que, de uma forma ou de outra, ganhou espaço nas sociedades daquela época, principalmente nas ocidentais.

alienação social dos indivíduos, definida pelo autor como “O cristianismo sem lágrimas” (Huxley, 2014, p. 284). Nesta sociedade, as pessoas são controladas pela cultura do prazer (hedonismo³) fundado no sexo livre⁴ e banalizado, na droga institucional ministrada pelo Estado e na música sintética de efeito psicodélico. Esse receituário que combina a “droga perfeita” com a proscricção de relações amorosas e a banalização do sexo expressada na fórmula hipnópédica “cada um pertence a todos” age como controle social. Numa realidade em que o relacionamento social é pautado no vínculo com o outro (não obstante o fato de não ser o outro, mas um complemento de um corpo social), a droga e o sexo livre asseguram a tão almejada estabilidade e conduzem artificialmente à autossatisfação.

Trata-se de uma sociedade em que o indivíduo não existe, mas camadas, coletivos especialmente formados, geneticamente determinados e planejados para desenvolver tarefas, conciliando os espaços das suas vidas rotineiras entre estas tarefas, o sexo e o consumo de soma. A trama huxleyana não apresenta heróis, mas tem como referência preponderante e central o personagem Henri Foster (em alusão a Henry Ford⁵), marco de início de uma nova era: a fordiana, cujo encantamento é marcado pelo consumo e produção ilimitados de forma que “cada homem, cada mulher, cada criança tinha a obrigação de consumir tanto por ano, em favor da indústria” (Huxley, 2014, p. 72). O calendário fordiano demarca o tempo contado a partir do ano de nascimento de Henri Ford (1863), ano 1 d. F., (onde d. F. significa depois de Ford) situando a obra no ano futurista de 2.495, visto que a narrativa tem como ponto de partida o ficcional ano de 632 d. F. (Huxley, 2014, p. 23). Não é mera coincidência a menção à produção em massa inaugurada pelo fordismo, tratando-se da realidade concreta da qual parte o autor da obra.

O herói huxleyano, à maneira do regime de trabalho fordista, inaugura a produção em série cuja linha de montagem produzia humanos (vivíparos), denominados por modelo “T”⁶. À Ford é atribuída a importância de um deus-criador que despoja a cruz cristã de sua haste superior, deixando-a simbolicamente apenas como “T”, fundando uma sociedade dividida num sistema científico de castas, no qual produz industrialmente indivíduos “perfeitos”, condicionados, programados

³ Filosofia segundo a qual o comportamento humano é motivado pelo desejo de prazer e por evitar o desprazer.

⁴ Nesse admirável mundo novo, os estudantes têm aulas de sexo elementar e de consciência de classe (condicionamento hipnópédico funcional).

⁵ Engenheiro e empresário estadunidense do ramo automobilístico, fundou a Ford Motor Company e inaugurou as cadeias de produção em série, que produziria carros em massa.

⁶ O Modelo T, marco da produção de automóveis em série, criado por Ford em 1908, revolucionou o transporte e a indústria estadunidenses à sua época. Na obra de Huxley, a introdução do Modelo T é o marco inicial da Nova Era Fordiana (p. 74).

para desenvolverem um pré-estabelecido trabalho na sociedade (Huxley, 2014, p. 47). Tal sistema de produção de seres humanos alude a um eugenismo, através do qual se controla a produção das castas superiores (betas e alfas) e inferiores (gammas, deltas e ípsilons) separadas através de uma produção e condicionamento em massa (método de neopavloviano).

Tal sociedade é conduzida por um regime científico totalitário que pressupõe a estabilidade como sendo “a necessidade fundamental e definitiva”, entendendo que “não há civilização sem estabilidade social. [E] Não há estabilidade social sem estabilidade individual” (Huxley, 2014, p. 65, 64). Numa sociedade desse tipo, onde se cultua e cultiva o hedonismo, a historicidade (tal qual a apresentação da dominação de povos sobre povos) deve ser extirpada.

Sua composição narrativa, não resta dúvida, parte da experiência de sociedade vivida e descrita por Huxley, depauperada, percebida também por Rosa Luxemburgo (1977, p. 195), que expressou contundentemente seu anátema alusivo ao dilema utopia ou distopia: “socialismo ou barbárie”.

Admirável Mundo Novo, como obra de ficção distópica, parte do contexto do entreguerras e exprime a desesperança daquele momento num futuro que o autor “previa”. Trata-se de uma obra sensível com uma refinada percepção de seu tempo, a saber, a proposição do totalitarismo que se desvendava num ambiente já recheado de adestramento comportamental por demais perturbador. Sem sombra de dúvida, a distopia é uma perspectiva perturbadora, incômoda, desconfortável.

1984

Em *1984*, a narrativa se passa num país imaginário e distópico chamado Oceânia⁷, onde vive o protagonista Winston Smith, funcionário do Partido⁸ no Ministério da Verdade, que, na prática, portava-se como um Ministério da Propaganda, órgão responsável por uma sistemática falsificação dos fatos, presentes ou passados. Algo representativo da mais absoluta subversão da realidade, confundindo opostos como se fossem expressões sinônimas, tendo na mira o *slogan* do Partido: “guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força”. Um procedimento repetido diversas vezes numa espécie de fórmula hipnótica da qual trata Huxley.

À primeira vista pode parecer que Orwell objetivava, com esta narrativa ficcional, estabelecer uma crítica ao estado de coisas então existentes na URSS

⁷ A Oceania era resultado da fusão da Inglaterra com as Américas formando um país gigantesco.

⁸ Na distopia de Orwell, o Estado e o Partido dominante se confundem e a máquina governamental é chamada pelo segundo nome.

(União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) após a degeneração da revolução⁹. Sua implacável crítica, não anticomunista, dizia respeito ao estabelecimento do stalinismo como ideologia oficial daquele Estado. Orwell defendia a necessidade histórica da destruição da propriedade privada e a constituição de uma sociedade em que as necessidades humanas fossem a prioridade da organização social, ou seja, o estabelecimento de uma sociedade socialista.

Além da crítica à URSS de predomínio stalinista, também desferia uma ferenha crítica ao nazifascismo, “fantasma” que assombrara o mundo na década de 1940, principalmente as sociedades capitalistas de matiz liberal naquele contexto histórico.

Em 1984, Orwell vai além da crítica das experiências trágicas realizadas no momento de sua produção. A obra trata de uma advertência sobre as potencialidades destrutivas da sociedade do capital em todas as suas formas organizativas, fossem liberais ou não. O autor se espantava com a capacidade destrutiva desenvolvida pela humanidade no período das duas guerras mundiais, especialmente com as bombas termonucleares. Além disso, ele foi um combatente da ala trotskista dos revolucionários durante a Guerra Civil Espanhola, tendo sofrido na pele as ações de stalinistas que sabotaram sistematicamente o movimento, e visto os horrores dos bombardeios contra os revolucionários, sendo também alvejado no pescoço durante o processo.

A partir das potencialidades percebidas pelo autor, 1984 oferece a visão de uma sociedade totalmente controlada por um Estado policialesco que vigia cada indivíduo e combate, com todos os recursos disponíveis, qualquer possibilidade de pensamento: naquela sociedade, pensar já se configurava crime, independentemente do teor do que se pensava.

O que Huxley e Orwell nos dizem sobre hoje

Três quartos de século depois de publicados *Admirável Mundo Novo* e 1984, tentaremos construir uma ponte entre as sociedades distópicas huxley-orwellanas da primeira metade do século XX e o atual contexto de um país real, vivido em pleno século XXI: o Brasil. Para tanto, nos valem de relatos jornalísticos dos últimos anos que apontam a materialização de vários elementos distópicos vislumbrados por aquelas distopias, no nosso presente.

A atual conjuntura vivida pelo Brasil traz à tona elementos distópicos na mesma perspectiva huxley-orwellana, marcadamente por traços particulares sobre

⁹ Orwell havia escrito também, no início da década de 1940, *A revolução dos bichos* (2007), dura crítica ao stalinismo composta na forma de fábula. Porém, o autor teve enormes dificuldades de publicá-la à época da Segunda Guerra Mundial devido à censura, não oficial, existente na Inglaterra contra críticas ao regime soviético, aliado dos ingleses durante este conflito.

a sua política, ciência, tecnologia, economia, cultura... e traços gerais da própria história da humanidade, distinguida pelas decadentes relações sociais capitalistas das quais o país faz parte, capaz de sepultar qualquer expressão utópica. Dentre esses traços, destacamos o sequestro do pensamento crítico, da autonomia dos indivíduos, da arte, da ciência, da História, totalmente submetidos a interesses particulares, em assombrosos detalhes que em muito aproxima nossa realidade à ficção das obras aqui arroladas. Cientes de que este texto não dará conta da totalidade da problemática (inclusive pelos limites desta produção), os traços aqui elencados aproximam a ficção (das obras citadas) e a realidade brasileira contemporânea. Nesse sentido, focamos no controle social e individual exercido pelo Estado, no papel reservado à arte, à tecnologia e à ciência nesse panorama.

O controle social

Atualmente, a vigilância social ultrapassou muito as possibilidades imaginadas por Orwell ou Huxley. Os sistemas de câmeras nos espaços privados e públicos, com o advento da internet, dos celulares (com câmeras e sistemas de rastreamento via GPS e Internet), dos modernos *smartphones*, da inteligência artificial (I.A.) que possibilita o reconhecimento facial dos indivíduos e seu mapeamento em tempo real, podendo mesmo traçar padrões de reconhecimento de grupos “perigosos” ao sistema, ou de envelhecimento, distinguindo pessoas a partir de fotos antigas, juntamente com as diversas redes sociais, que buscam uma vigilância quase total da vida, dos costumes, atos, percepção e até do consumo dos indivíduos.

Apesar do conforto e sensação de segurança que promove, toda essa parafernália requer a completa perda de privacidade, além de servir ao Estado como instrumento de exercício de sua função policiaesca sobre os indivíduos. Huxley ou Orwell não poderiam imaginar tamanho controle, e financiado pela própria vítima. Orwell, por exemplo, imaginou um sistema de vigilância individual e social promovido pelo Estado a partir de gravações feitas por microfones fixos escondidos e por “teletelas” também fixas, mas nunca ideou que cada pessoa carregasse a sua própria “teletela” (*smartphone*) no bolso voluntariamente, mesmo tendo certa ideia da vigilância pessoal que contém. Hoje vivemos relações interpessoais de maneira que Huxley e Orwell não imaginaram, com o espaço social totalmente dominado pela comunicação eletrônica e por redes sociais em detrimento das relações interpessoais tradicionais.

O papel da tecnologia empregada tem importante função na dimensão de um controle social que se pretende total, numa perspectiva de subjugação individual e coletiva, algo parecido com a “dominação de espectro completo”¹⁰ estaduni-

¹⁰ Para maiores informações, acessar: <https://cronicon.net/paginas/edicantes/Ediciones70/nota6.htm>

dense para manter sua supremacia geopolítica no planeta. Estratégia de guerra que busca controlar todos os aspectos da vida humana, combinando quatro dimensões: prevenção, dissuasão, perseguição e eliminação, numa doutrina contra-insurgente a ser aplicada no século XXI, controlando através da geopolítica espaço, sociedade e cultura.

Guardadas as devidas dimensões que separam ficção e realidade, nas obras de Huxley e Orwell, não é necessário muito esforço para notar que tal controle se quer total, como demonstra Orwell ao se referir às incursões ideológicas que o Estado (confundido com o Partido) da sua Oceânia usava para escrever e reescrever ininterruptamente a História. Nesse país distópico orwelliano, a História é tratada como farsa, tendo seus dados falsificados com o intuito de dar sustentação ao regime do Partido, numa espécie de neurose que busca controlar passado e presente, reescrevendo e adulterando a História e a realidade imediata a todo momento. A função do protagonista, Winston Smith, é justamente fazer as alterações necessárias nos dados do presente, assim como nas narrativas do passado. Chamadas “retificações”, tais falsificações buscavam enquadrar a realidade na narrativa oficial.

Em *Admirável Mundo Novo*, algo parecido ocorre na campanha contra o passado, fechando museus, destruindo monumentos históricos, suprimindo ou proibindo livros que tenham existido antes do ano 150 d. F. (Huxley, 2014, p. 73).

Em tais sociedades distópicas, o conhecimento científico, a verdade histórica, a ciência em si e as artes são totalmente aviltados porque são incompatíveis com as sociedades que se pretendem “perfeitas”, harmoniosas, felizes, num cenário em que “A verdade é uma ameaça; a ciência é um perigo público” (Huxley, 2014, p. 272), resultando no desestímulo às demais pesquisas, o que favorecia a manutenção da estabilidade.

Nesse processo de manutenção do controle e da estabilidade social, em 1984 (Orwell, 2009) destacam-se dois fenômenos socioideológicos: a *novafala* e o *duplípensamento*. A *novafala* é a proposta de alteração da linguagem, simplificando-a a níveis absurdos, diminuindo as palavras, fundindo-as, e fazendo com que um mesmo signo possa representar coisas totalmente diferentes e até contraditórias, cuja finalidade seria a de “estreitar o âmbito do pensamento”. O *duplípensamento* era a capacidade de um indivíduo portar duas formas de pensamento completamente contraditórias sem perceber, conforme os exemplos a seguir:

Saber e não saber, estar consciente de mostrar-se cem por cento confiável ao contar mentiras construídas laboriosamente, defender ao mesmo tempo duas opiniões que se anulam uma à outra, sabendo que são contraditórias e acreditando nas duas; recorrer à lógica para questionar a lógica, repudiar a moralidade dizendo-se um moralista, acreditar que a democracia era impossível e que o Partido era o guardião da democracia... (Orwell, 2009, p. 48).

As distopias huxley-orwellianas e o Brasil atual

Tal qual a huxley-orwelliana, também vivemos numa sociedade em que o controle se pretende total, de forma que tanto o presente quanto o passado são constantemente visitados e analisados na busca por sua atualização na forma ideológica dominante. Nesta sociedade também se adulteram fatos históricos. O atual governo, por exemplo, nega a existência de uma ditadura civil-militar ocorrida no país de 1964-1985¹¹. Retomando a trajetória fugaz de Vélez Rodríguez no Ministério da Educação, vemos que se envolveu numa série de polêmicas no mesmo sentido. Entre as confusões do ex-ministro, encontra-se a sua proposta de alteração dos livros de História, no sentido de revisar as críticas ao golpe militar de 1964 e à ditadura civil-militar no Brasil. Disse o então ministro em entrevista ao jornal *Valor Econômico*¹²: “Haverá mudanças progressivas (no conteúdo dos livros didáticos) na medida em que seja resgatada uma versão da história mais ampla”. Para ele, não aconteceu um golpe militar em 1964, mas “uma decisão soberana da sociedade brasileira” e o regime ditatorial instaurado neste período se tratava, na realidade, de um “regime democrático de força”. Eufemismos à parte, o que significa isto senão a mesma atitude “retificadora” da História do personagem de *1984*, Winston Smith? Tal qual na ficção, aquilo que o ex-ministro da Educação denomina “mudanças progressivas” consta da pretensão do governo de mudar a História de acordo com a conveniência dos interesses de seu grupo, transformando o Brasil (como a Oceânia de Orwell e a sociedade huxleyana) numa sociedade sem lugar para a contradição ou conflito – eliminados sistematicamente, em nome da estabilidade. O resultado desta visão pragmática só pode levar ao mesmo da obra *1984*: uma produção historiográfica (e como de qualquer informação produzida e registrada nesse âmbito) carente de qualquer ligação com o mundo real.

Caso emblemático neste sentido foi a pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de março de 2019, que apontou o aumento do desemprego no Brasil (Naime, 2019). A reação do Presidente da República, expressada em entrevista cedida poucos dias após a divulgação dos resultados, foi a de acusar os índices do Instituto como “feitos para enganar a população”, sem apontar qualquer problema substancial no processo de coleta e análise dos dados¹³.

¹¹ Conforme *Folha de S. Paulo*, 27 Mar. 2019, Bolsonaro nega ditadura e diz que regime viveu probleminhas. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/nao-houve-ditadura-teve-uns-probleminhas-diz-bolsonaro-sobre-regime-militar-no-pais.shtml>. Acesso em 14 Mai. 2019.

¹² Ver Murakawa e Araújo (2019).

¹³ Consultar matéria veiculada em 02 Abr. 2019 pelo *Portal IG*: Feita para enganar a população, diz Bolsonaro sobre taxa de desemprego do IBGE. Disponível em: <https://economia.ig.com.br/2019-04-02/feita-para-enganar-a-populacao-diz-bolsonaro-sobre-taxa-de-desemprego-do-ibge.html>. Acesso em 14 Mai. 2019.

As marcas obscurantistas do atual governo não param por aqui. Na ficção orwelliana, vê-se a existência de ministérios responsáveis por diversas esferas do controle social, curiosamente apresentando nomenclaturas subvertidas entre sua função e prática: o Ministério da Paz encarregava-se da guerra; o Ministério do Amor era responsável pela espionagem, inspeção social e perseguição aos indivíduos; o Ministério da Fartura era o do órgão que cuidava da divisão da miséria, falsificando os números da produção na tentativa de convencer a população de que a penúria se tratava de constantes melhorias de vida. Na *realpolitik* brasileira, o atual governo imita a ficção. Exemplificando: em 2019 assumiu o Ministério da “Mulher, da Família e dos Direitos Humanos”, a pastora evangélica Damares Regina Alves, notória disseminadora de notícias falsas nas redes sociais, criando medo entre religiosos, aterrorizando-os com uma suposta destruição da família promovida pela esquerda, por professores e escolas, que estariam envolvidos nesse suposto complô. Entre as mentiras¹⁴ disseminadas pela ministra estava a do “Kit Gay” (Cunha, 2018), promovendo o que Orwell apresenta em 1984: o abandono do pensamento e do conhecimento produzindo pessoas fanáticas em torno de pautas morais, controladas através de intensa propaganda, cujo principal instrumento era a hipnopédia¹⁵, vista como “a maior força moralizadora e socializante de todos os tempos” entendendo que “as palavras podem ser como os raios-X, se as usarmos adequadamente: penetram em tudo” (Huxley, 2014, p. 49). Na atual sociedade brasileira, a força da propaganda governista se pautou numa explosão de *fake news* disseminadas inclusive por robôs, pervertendo o universo virtual com notícias falsas planejadamente construídas e para as quais tem público consumidor garantido.

Mas nem só de mentiras oficiais vive o atual governo brasileiro. Outra característica que o acompanha é a inversão de papéis e de valores. Nas duas obras distópicas supracitadas, vemos que as relações de gênero e de familiares têm importante papel no controle social. Em *Admirável Mundo Novo*, a relação familiar é tida como desdenhável e desprezível, pois que não existe o tipo tradicional de relação que conhecemos¹⁶. Na obra, os seres são reproduzidos em bocais, espécies de proveta, e a relação sexual não é pressuposto para a reprodução, sendo o sexo totalmente livre e incentivado, mas banalizado e marcado pelo condicionamento hipnopédico fundado no lema “ninguém é de ninguém; todos pertencem a todos”. A concessão ao sexo livre pode ser vista como algo revolucionário, mas

¹⁴ Em Huxley, para o personagem Bernard Marx (especialista em hipnopédia) “sessenta e duas mil repetições fazem uma verdade” (2014, p. 69).

¹⁵ Termo empregado para designar o processo de aprendizagem através do sono, aqui sofrido pelos projetos de sujeitos durante sua “gestação”.

¹⁶ É possível vislumbrar um dos pressupostos da revolução sexual acontecida na União Soviética, que começou com a dissolução da família. A este respeito, ver Reich (s.d., cap. I, II parte).

quando banalizado, acaba se tornando também uma condição complementar à soma, corroborando no condicionamento dos indivíduos.

Em 1984, o *slogan* do Partido da Oceania orwelliana afirmava que “guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força” (Orwell, 2009, p. 14). Na mesma lógica de inversão de papéis e valores, a ministra Damares confunde seu papel com o de pastora evangélica, disseminando preceitos patriarcais, atuando como agente do processo de consolidação de papéis de gêneros fixados e imutáveis, afirmando a eterna submissão da mulher ao homem nas relações conjugais (Souza, 2019), e subvertendo seu papel naquele ministério. Como na ficção, as ideologias dominantes no novo governo também dizem respeito ao controle das relações de gênero, posição que o atual presidente sempre deixou patente.

Em Orwell, na impossibilidade de abolir as relações familiares sobre as quais o controle do Estado não era eficiente, o Partido aposta (como o faz o atual governo do Brasil) na rigidez dos papéis de gênero. Distinto de *Admirável Mundo Novo*, que abole o papel da maternidade, enxovalhando a existência de pais e mães, em 1984 as mulheres serviam apenas como incubadoras de bebês, e sistematicamente levadas a abominar as relações sexuais. As mulheres que ainda se envolviam sexualmente, encaravam a relação como a realização de “seu dever para com o Partido”.

Ao defrontarmos com tal abordagem da sexualidade nestas obras, é perfeitamente plausível lembrar Reich (1988) e seu livro *A psicologia de massas do fascismo*, escrito em 1933, portanto, contemporâneo de Huxley quando concebeu o *Admirável Mundo Novo* (1931). Reich adiantara a questão do monitoramento sexual dos indivíduos pelo Estado, afirmando que o apoio massivo auferido pelo nazismo teria sido consequência da repressão sexual. Esta ideia encontra-se subjacente à sociedade distópica huxleyana, e mais fielmente em Orwell, na futurista Inglaterra de *1984*, cujo controle sexual das pessoas é uma ferramenta indispensável para envolvê-las numa trama de aprofundamento do fanatismo e da defesa irracional das pautas carregadas pelo grupo social dominante. Quanto maior o controle sobre a pulsão sexual dos indivíduos, maior é a sua docilidade aos dominadores e maior o ódio que devotará aos objetos renegados. É Reich (1988) sem tirar nem pôr. Se, por um lado, para Reich o fascismo é muito mais que um partido; por outro, para a distopia orwelliana esta entidade centralizava o espectro político daquela sociedade futurista como se vê nas seguintes passagens:

Não era apenas que o instinto sexual criasse um mundo próprio fora do controle do Partido – um instinto que, por isso, se possível, tinha de ser destruído. O mais importante era que a privação sexual levava à histeria, desejável porque podia ser transformada em fervor guerreiro e veneração ao líder.

(...)

Havia uma conexão íntima e direta entre castidade e ortodoxia política. Porque, de que maneira manter no diapasão certo o medo, o ódio e a credulidade imbecil que o Partido necessitava encontrar em seus membros se algum instinto poderoso não fosse represado e depois usado como força motriz? A pulsão sexual era perigosa para o Partido, e o Partido a utilizava em interesse próprio (Orwell, 2009, p. 161).

Outros dois exemplos de inversão (subversão) de valores e papéis (movimento coincidente entre a ficção e a realidade) são sobre as práticas atuais dos ministérios do Meio Ambiente e da Educação que, incompreensivelmente, passaram a agir de forma totalmente contrária aos seus fins originais. O primeiro, chefiado por Ricardo Salles¹⁷, um condenado por improbidade administrativa (teria adulterado o mapa ambiental para beneficiar mineradoras¹⁸), que atua sistematicamente para favorecer os interesses do agronegócio e da mineração, por excelência destruidores do meio ambiente. Uma de suas principais medidas foi impedir o trabalho dos agentes fiscalizadores (Audi; Martins, 2019) e promover o desmanche de órgãos de controle ambiental como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Agindo assim, pode-se afirmar que o Ministério do Meio Ambiente se converteu no Ministério da Destruição Ambiental.

Igualmente, o Ministério da Educação sob o comando de Ricardo Vélez Rodríguez e depois sob Abraham Weintraub agiu de forma implacável na destruição da educação brasileira, cortando enormes somas de recursos da pasta (Palhares, 2019), inviabilizando pesquisas científicas e até o funcionamento de universidades, tidas por aliados do governo como inimigas¹⁹, promotoras de “balbúrdia”²⁰. A sanha anti-intelectualista característica do atual governo ultrapassa o ódio à crítica, dirigindo-se contra qualquer forma de pensamento, assim como Orwell apresenta em *1984*.

Na realidade, o anti-intelectualismo do atual governo foi expresso diversas vezes pelo atual presidente da República desde muito antes do processo eleitoral. Sua repulsa aos intelectuais não poupa nem sequer os de direita, acusando parte deles de comunistas. Talvez o caso mais exemplar seja o do pensador estadu-

¹⁷ Consultar Oliveira (2018).

¹⁸ A este respeito, ver Dias e Lotfi (2019).

¹⁹ Cf. *Tribuna do Amazonas*. As universidades federais destruíram o país, diz dono da Havan. Disponível em <https://tribunadoamazonas.com.br/as-universidades-federais-destruiram-o-pais-diz-dono-da-havan/> e acessado em 18 mai. 2019.

²⁰ Ver *Correio Braziliense*: MEC mira universidades por ‘balbúrdia’ e corta 30% de verba da UnB”. 30 Abr. 2019. Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/euestudante/ensino_ensinosuperior/2019/04/30/ensino_ensinosuperior_interna,752333/mec-mira-universidades-por-balburdia-e-corta-30-de-verba-da-unb.shtml. Acesso em 18 Mai. 2019.

nidense Francis Fukuyama, filósofo e economista nipo-estadunidense, notória figura do conservadorismo e anticomunismo, autor de *O fim da história e o último homem* (1992) que alardeava o fim da história como campo da luta de classes, vencida pelo liberalismo. Ao se pronunciar sobre os perigos que Bolsonaro representava à democracia representativa burguesa, Fukuyama foi taxado pelo secto do presidente pela “infame” pecha de comunista (Gonzo, 2018). Outro alvo do anti-intelectualismo do bolsonarismo é a grande imprensa comercial, quando não atende a seus interesses. Um dos mais grotescos episódios nesse sentido foi sua acusação contra o *The Economist* (um dos maiores arautos do neoliberalismo mundial) de ser porta voz do comunismo (Vilanova, 2018).

Revisitar as obras distópicas de Huxley e Orwell, além de ser um exercício prazeroso, nos remete a uma profunda e crítica reflexão sobre o atual contexto social brasileiro. Apesar de serem obras de ficção, e do tempo percorrido desde sua produção, conseguem vislumbrar os umbrais do século XXI. Suas construções distópicas apontam aspectos concretos de nossa sociedade, permeada por uma perspectiva antiutópica, marcada pela falta de um projeto social. Essa ausência nos tem feito antever prenúncios de uma barbárie que se instala gradativamente no seio da humanidade, promovida pela decadente sociedade capitalista. Constatção triste para aqueles que entendem como necessária a existência de utopias, para impulsionar a construção de uma sociedade humana esperançosa do novo promissor.

Considerações finais

No planejamento sistemático de Admirável Mundo Novo, os dominadores tentam a todo custo incitar a desconfiança entre os membros da sociedade (em que tudo é fruto do trabalho coletivo) de que todos vivem sós, numa apologia do individualismo. Tentam esterilizar a linguagem e a arte, tida como incompatíveis com tal sociedade. Na crítica orwelliana, encontra-se o tratamento insípido em relação à arte e uma péssima avaliação dos artistas que se reuniam no Café da Castanheira conhecido como um “covil de pintores e músicos” (Orwell, 2009, p. 72), figuras malvistas e indesejadas.

As duas obras estão permeadas de distopia, de percepções futuristas transpassados por ambientes sociais controlados por instrumentos e mecanismos tecnológico-científicos, político-ideológicos, culturais... São sociedades marcadas por uma vigilância patológica, pela censura e proibições, pelo patrulhamento dos costumes, do pensamento, do conhecimento (aceito somente o oficial), do movimento, sociedades unicolores, sem criatividade, sem arte, sem liberdade, de linguagem pobre e pouco expressiva.

Foi também atinando para os aspectos político-sociais da doentia sociedade engendrada pela modernidade capitalista que Huxley e Orwell escreveram essas suas obras, observando e antecedendo as evidências de derrota da construção das utopias de seus tempos, um cenário marcado pela desesperança em suas mais diversas facetas.

Nessas obras, buscamos contribuições para entender nossa atual conjuntura, sem esperar desse exercício a promessa de construção de uma realidade sem contradições e sem conflitos, marcada por uma felicidade artificial, produzida, harmoniosa e programável (como o mundo feliz de Huxley) e compatível com o existir humano em sociedade. A duras provas, percebemos o horizonte distópico e antiutópico atualmente vislumbrado. Uma possibilidade aterradora, carente de uma referência humanizadora, civilizadora que nos impeça de cair na barbárie, como assolados pela constatação de Rosa Luxemburgo acerca do socialismo ou barbárie.

O horizonte das atuais perspectivas está permeado de expressão distópica enunciada pelo retorno a ideias, valores e práticas que buscam sepultar a utopia e apagar do porvir qualquer possibilidade libertária. Faz-nos sentir representados pelo personagem Selvagem (representante utópico da sociedade distópica de Huxley) que, ao ver a multidão vestida de cáqui no meio da qual se achava, sarcasticamente expressou: “Como há aqui seres encantadores! (...) Como é bela a humanidade! Oh! admirável mundo novo...!” (Huxley, 2014, p. 252).

Referências

- AUDI, Amanda; MARTINS, Rafael Moro. Fiscais batem ponto e recebem salários no Meio Ambiente de Ricardo Salles – só não podem trabalhar. *The Intercept Brasil*, 09 Mai. 2019. Disponível em <https://theintercept.com/2019/05/08/salles-paralisa-meio-ambiente/>. Acesso em 18 Mai. 2019.
- CUNHA, Ana Rita. Desvendamos as notícias falsas de Damares Alves contra a ‘ideologia de gênero’. *Aos Fatos*, 19 Dez. 2018. Disponível em <https://aosfatos.org/noticias/desvendamos-noticias-falsas-de-damares-alves-contras-ideologia-de-genero/>. Acesso em 18 Mai. 2019
- DIAS, Tatiana; LOTFI, Rosângela. O Ministro do Arremedo: Como Ricardo Salles adulterou um mapa ambiental para beneficiar mineradoras. *The Intercept*

²¹ O cáqui prenunciava a cor da intolerância, do desejo de se produzir uma sociedade monocromática, distinção do preconceito de casta, simbolizando uma cor-referência de casta subalterna, que realizava, de bom grado, os trabalhos mais ignóbeis.

- Brasil*, 04 Fev. 2019. Disponível em <https://theintercept.com/2019/02/03/ricardo-salles-mineradoras/>. Acesso em 18 Mai. 2019.
- FUKUYAMA, Francis. *El fin de la Historia y el ultimo hombre*. Barcelona: Planeta, 1992.
- GONZO, Amauri. O profeta do fim da União Soviética é ‘comunista’ para os fãs de Bolsonaro. *Vice*, 10 Out. 2018. Disponível em https://www.vice.com/pt_br/article/598qax/o-profeta-do-fim-da-uniao-sovietica-e-comunista-para-os-fas-de-bolsonaro. Acesso em 18 mai. 2019
- HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Globo, 2014.
- LUXEMBURG, Rosa. A crise da social-democracia. In: LUXEMBURG, Rosa. *Textos Escolhidos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.
- MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MURAKAWA, Fábio; ARAÚJO, Carla. Vélez nega golpe e diz que livros vão mudar. *Valor Econômico*, 04 Abr. 2019. Disponível em <https://www.valor.com.br/brasil/6196943/velez-nega-golpe-e-diz-que-livros-va-mudar>. Acesso em 14 Mai. 2019.
- NAIME, Laura. Desemprego sobe para 12,4% em fevereiro, diz IBGE. *G1*, 29 Mar. 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/03/29/desemprego-sobe-para-124percent-em-fevereiro-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 14 Mai. 2019.
- OLIVEIRA, Cida de. Justiça condena Ricardo Salles por alterar mapas de área de proteção ambiental. *Rede Brasil Atual*, 18 Dez. 2018. Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2018/12/justica-condena-ricardo-salles-por-alterar-mapas-de-area-de-protecao-ambiental/>. Acesso em 19 Mai. 2019.
- ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *A revolução dos bichos: um conto de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PALHARES, Isabela. Na contramão do discurso oficial, MEC congela R\$ 2,4 bi da educação básica. *O Estado de S. Paulo*, 04 Mai. 2019. Disponível em <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,na-contramao-do-discurso-oficial-mec-congela-r-2-4-bi-da-educacao-basica,70002815259>. Acesso em 18 Mai. 2019.
- REICH, Wilhelm. *A revolução sexual*. São Paulo: Círculo do livro, s.d.
- _____. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SOUZA, André de. Damares repete que no casamento mulher é submissa ao homem. *O Globo*, 16 Abr. 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/damares-repete-que-no-casamento-mulher-submissa-ao-homem-23603765>. Acesso em 18 Mai. 2019

VILANOVA, Aprigio. Fãs de Bolsonaro acreditam que The Economist é comunista. *Blog do Bob*, 20 Set. 2018. Disponível em <http://blogdobob.blogspot.com/2018/09/20/fas-de-bolsonaro-acreditam-que-the-economist-e-comunista/>. Acesso em 18 Mai. 2019.